Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Estratégias de aprendizagem da Libras - reflexões

Rejane Dias Lobo Bataglin (UFGD)

RejaneLobo@ufgd.edu.br

Ednei Nunes de Oliveira (UFRB)

edneioliveira@ufrb.edu.br

Resumo: *Este artigo traz algumas reflexões feitas sobre parte de dados de uma pesquisa realizada com objetivo de investigar os posicionamentos e estratégias de aprendizagem da Libras de estudantes ouvintes, no curso online de Pedagogia Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Os dados da pesquisa demonstraram que, para os aprendizes que entram em um curso de Libras sem conhecimento na língua, a aprendizagem do léxico consiste na grande preocupação. Já, com relação aos aprendizes que têm conhecimento básico da Libras, observou-se maior desenvoltura em realizar as atividades teóricas e de uso da língua. Nesse sentido, evidencia-se, aqui, que o curso de Pedagogia Bilíngue do INES está mais voltado para o primeiro perfil de acadêmicos.*

Palavras-chave: *Segunda Língua. Estratégias de Aprendizagem. Libras.*

1. Introdução

Muitos estudantes chegam ao final de cursos Bilíngues realizados na modalidade educacional à distância com pouco domínio das atividades realizadas em Libras, como segunda língua, uma vez que a prática ainda é considerada insuficiente para gerar confiança nos alunos, ainda que essas disciplinas tenham carga horária prevista como suficiente para a aprendizagem.

Professores desses cursos costumam considerar que os estudantes, na etapa final do curso, já seriam proficientes na Libras, ou seja, com um nível de compreensão da língua suficiente para que revelem autonomia. Contudo, por meio dos relatos de alguns estudantes de curso bilíngue, evidencia-se que não é isso que aconteceu, quando se leva em conta os diferentes níveis de realidade.

ISSN 2318-4051

Este artigo faz reflexões sobre dados de pesquisa realizada com objetivo de investigar os posicionamentos e estratégias de aprendizagem da Libras de estudantes ouvintes, no curso online de Pedagogia Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). As reflexões são feitas a partir de dados que dizem respeito a respostas de alguns estudantes da turma de 2018.

Esse curso tem como objetivo formar pedagogas e pedagogos, surdos e ouvintes, em uma perspectiva bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) e intercultural, para atuar na área da docência (educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), na gestão educacional e na educação em espaços não escolares, dedicando cinco disciplinas especificamente a aprendizagem da Libras, um número bem maior que é encontrado em diversas graduações de Licenciaturas bilíngues do Brasil.

Mesmo se tratando de um curso cuja proposta é bilíngue, uma das motivações para a realização desta pesquisa deu-se pelas recorrentes queixas dos alunos que não se sentiam minimamente seguros quanto à possibilidade de virem a assumir salas de aulas bilíngues - Libras e Português -, ou para assumirem salas de aulas bilíngues em séries iniciais do ensino fundamental, e nas séries finais.

Considerou-se a importância do letramento como uma prática social, observando-se os benefícios que advêm dessa compreensão, na formação de alunos. Tal proposta permite analisar práticas sociais e as relações dessas práticas em contextos de letramentos específicos, conduzida, tal como neste estudo, por um olhar etnográfico.

Dentre estudantes pesquisados, aqueles que entraram no curso, sem nenhuma base de Libras, chegaram ao final com muita dificuldade de compreensão dos enunciados correspondentes às atividades, enquanto que aqueles que possuíam conhecimento básico, na entrada, apresentaram pouca ou nenhuma dificuldade. Cada estudante, diante das dificuldades que encontra, busca uma estratégia de aprendizagem que ajude na resolução das atividades e aperfeiçoamento dos conhecimentos. Nesse sentido, Gesser (2010, p. 62) esclarece que “as estratégias criadas pelos aprendizes de uma língua adicional, são usadas para tentar resolver as dificuldades e questões de uma situação no decorrer de sua aprendizagem”.

2. Estratégias de aprendizagem da Libras – alguns dados

As estratégias de aprendizagem são caminhos que os próprios alunos descobrem para ampliar, bem como melhorar e monitorar sua aprendizagem, conforme admite Oxford (1990). Nesse sentido, as diversas estratégias podem ser consideradas formas de o aluno estudar além dos limites da sala de aula, o que contribui para torná-lo um sujeito autônomo e consciente de seu aprendizado.

Esse pode ser, portanto, os modos que um aprendiz de uma língua adicional usa para aperfeiçoar o seu conhecimento. Cada um cria as estratégias de acordo com a suas necessidades e busca encontrar soluções para os problemas no processo de aprendizagem da língua adicional, nesse caso, a Libras.

Nessa direção, questionamos alguns estudantes sobre Qual estratégia eles criaram para aprender (assimilar) a Libras?

No momento em que se fez essa pergunta, o estudante-1 esboçou um sorriso largo no rosto; olhando para cima e mostrando-se orgulhosa, disse:

> A primeira coisa que fiz... foi criar um espaço que posso colocar meus livros e uma escrivaninha... e um ambiente que eu pudesse gravar os vídeos das atividades.... quando era o período para fazer as atividades... passava a semana fazendo isso... eu nunca atrasei uma atividade... sempre tive que adequar os horários por que eu trabalho... então geralmente era no período da noite em que eu estava mais tranquila... Já a estratégia que eu utilizava para aprender a Libras... certa vez eu aprendi com uma surda o seguinte... tudo que você aprende você tem que ficar repetindo... de repente você vê uma cadeira... você faz o sinal de cadeira e faz também a datilologia... sempre... dessa forma você memoriza... ela falou isso... e era dessa forma que eu estudava.

Por essa fala, pode-se observar uma estratégia de estrutura espacial e técnica, quando Estudante-1 diz: "foi criar um espaço que posso colocar meus livros e uma escrivaninha... e um ambiente que eu pudesse gravar os vídeos das atividades...". A preocupação com o espaço e o ambiente de trabalho é muito importante, pois se trata de uma estratégia de organização valiosíssima para aprendizagem de uma língua adicional, tendo em vista a especificidade do curso, em que uma das exigências é que as atividades sejam encaminhadas no formato de vídeos em Libras.

Diversos estudos confirmam que criar uma rotina de estudos, com metas e prazos claros pode fazer com que os objetivos esperados fiquem mais perto de serem alcançados. A produtividade dos estudos aumenta e, com ela, o desempenho das tarefas. No caso de Estudannte-1, conforme ele mesmo expôs, nunca entregou suas atividades atrasadas, tendo em vista que sempre adequou o tempo que tinha com o do trabalho. Muitos estudantes do ensino a distância acabam desistindo do curso, justamente por não conseguirem essa organização.

Ainda sobre a fala de Estudante-1, ressalta-se seu posicionamento com relação à aprendizagem da Libras, ao dizer: "[...] certa vez, eu aprendi com uma surda o seguinte: tudo que você aprende, você tem que ficar repetindo [...]", referindo-se a uma estratégia indicada por uma professora surda, de treinar a datilologia repetindo o sinal de uma determinada palavra.

Nesse sentido, Gesser (2010) explana que há muitas técnicas utilizadas para auxiliar no aprendizado e muitas delas partem do próprio indivíduo. A estratégia, por exemplo, de treinar a datilologia é muito importante, pois uma das grandes dificuldades que aprendizes da Libras apresentam é o uso do alfabeto manual, tendo em vista que algumas configurações de mãos são bastante semelhantes, e, desse modo, eles podem produzir uma letra em lugar de outra.

Nota-se que essa técnica praticada pelo Estudane-1 se trata de uma estratégia de memorização, haja vista que treinar a datilologia é importante para que a velocidade, na troca de sinais, e a memorização das palavras mais complexas sejam conquistadas.

Em relação ao Estudante-2, embora muito desenvolto durante toda a entrevista, quando feita a mesma pergunta, mostrou-se embaraçado, no início, ficando à vontade posteriormente. Girando em sua cadeira, respondeu tranquilamente:

> Ah... eu só estudava na plataforma mesmo... às vezes eu pedia ajuda para as interpretes ou professoras surdas que trabalhavam no local que eu trabalhava... quando eu não entendia algum sinal por causa do

> regionalismo... para mim somente os vídeos era suficiente... não procurava outros recursos não.

Por essa fala, percebe-se que o Estudante-2 não se preocupava em relação ao léxico básico da Libras, pois os vídeos disponibilizados nas disciplinas eram suficientes. Esse estudante demonstrou maior preocupação em responder ao que a atividade pedia, haja vista que já possuía certo conhecimento da Libras. Quando precisou recorrer a alguma estratégia, referente à aprendizagem da Libras, ele escolheu consultar seus pares surdos e ouvintes que eram fluentes na língua, com os quais tinha contato em seu dia-a-dia, para aprender algum sinal novo pertinente ao regionalismo[1]. Essa interação linguística é um recurso muito importante que muitos estudantes não têm. Quadros (2007) refere-se à aquisição espontânea em ambiente sociável, principalmente do tempo a que o sujeito é exposto, indicando que o desenvolvimento ocorrerá de forma gradual e com resultados.

Diferente dos dois primeiros aprendizes, Estudante-3 informou que fazia uso de vídeos que não estavam na disciplina e utilizar técnica de gravação de sua própria sinalização para análise da performance. Já Estudante-4, ao iniciar o curso bilíngue, começou aulas em outro curso de Libras, que era ofertado pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) e utilizou a repetição de vídeos para memorizar os sinais. Nas avaliações desses dois últimos estudantes, eles não possuíam domínio dessa língua. Tudo quanto adquiriram foi durante o curso. Vejamos, nesse contexto, seus posicionamentos:

> Para aprender os sinais eu precisei recorrer a vídeos além das disciplinas... Eu via bastante vídeos de músicas... comecei a pesquisar bastante e acompanhar outros vídeos de Libras, voltava várias vezes, colocava várias vezes... outra estratégia que eu utilizava muito... bem no comecinho é que meu notebook tem câmera... eu já gravava o vídeo no note... e tenho todos salvos... e eu as vezes revejo e observo uma configuração de mão que eu fazia errado... dessa forma eu via minha evolução... e quando tinha que fazer as atividades que não entendia... eu pedia ajuda para as colegas que sabiam mais do que eu... achei muito difícil (Estudante-3).

> Eu nunca tinha tido contato com libras... portanto tive bastante dificuldade e ainda tenho... assim que comecei o curso de pedagogia bilíngue pelo INES... dei início também em um curso de Libras ofertado pelo CAS... primeiras aulas eu achei que não iria aprender nunca... mas com o tempo fui me familiarizando e fazendo associações... desta forma consegui aprender um pouco mas confesso que a falta de contato com os surdos faz com que acabamos esquecendo um pouco... mas como dizem é igual andar de bicicleta só praticar que a memória vem... as maiores dificuldades eu acho que é a falta total de conhecimento e tentava fazer associações dos sinais com a representação... como por exemplo CASA... AVIÃO... e também assistir os vídeos repetidamente... geralmente os sinais eles lembram alguma coisa... meio que são a re-

[1] Regionalismo: assim como a língua oral a língua de sinais também apresenta o regionalismo. No caso da Libras, o regionalismo acontece quando existem vários sinais para o mesmo objeto, vai depender da região que será utilizado.

ISSN 2318-4051

> presentação do que se está falando... com algumas exceções... tudo novo e bem complicado... é um tipo de linguagem onde se usa muito a expressão corporal... e eu sou uma pessoa bastante reservada e tímida...isso dificultava bastante... observei que as pessoas mais comunicativas... com menos vergonha, tinham mais facilidade (Estudante-4).

A fala de Estudante-3: "Para aprender os sinais eu precisei recorrer a vídeos além das disciplinas [...]", e a de Estudante-4: "[...] e também assistir os vídeos repetidamente" denotam que o material disponibilizado não era suficiente para suprir suas necessidades, em relação às atividades, o que as levou a recorrer à estratégia de buscarem outros vídeos fora da plataforma. Tendo em vista que Libras é uma língua visual, utilizar essa estratégia terá enriquecido o aprendizado desses estudantes. Os vídeos exploram movimentos e configurações diversos dos sinais dessa língua, e acrescentam mais dinamismo às imagens congeladas, conforme consideram Silva, Lemos e Fácio (2021).

A utilização dos vídeos propicia que alunos surdos observem diferentes situações de comunicação em Libras, situações reais, por meio das quais eles podem, tão somente pelo contexto, apreender informações, depreender, inferir e se libertar de ter que recorrer, com constância, ao dicionário, diante de qualquer vocábulo que não consiga identificar de imediato.

Estudante-3 também faz referência a "que no início se gravava fazendo os sinais nas atividades e depois assistia e percebia que tinha alguma configuração de mão errada". Essa é uma estratégia igualmente válida; é citada por Gesser (2010) como uma das técnicas que alunos utilizam para aprender melhor os sinais de Libras, haja vista que estimula a visão e a memória visual. A esse respeito Ortega e Morgan (2015), conforme citados por Bernardino, Pereira e Passos (2018), consideram ser frequente e até natural que os aprendizes, quando começam a usar os sinais, cometam erros de articulação decorrentes, possivelmente, da falta de destreza das mãos e da compreensão sobre os componentes dos sinais.

Outra estratégia utilizada por Estudante-3 foi recorrer aos colegas que tinham mais fluência em Libras, para ajudar a resolver as atividades. Quando o aluno interage com outros colegas que têm maior domínio dessa língua, além de colocar em prática a Libras, ele também desenvolve sua autonomia por meio de estratégias sociais, e, desse modo, amplia seu conhecimento linguístico daquela língua.

Ainda quando Estudante-4 relata que "nas primeiras aulas, eu achei que não iria aprender nunca", é compreensível que ela tivesse essa sensação, pois, conforme afirma Gesser (2012, p. 70), "todas as línguas são difíceis e fáceis, em um primeiro momento, em correlação com o nível de distinções ou semelhanças possíveis com a nossa própria língua materna". Assim, também os aprendizes de Libras, em seu primeiro contato com a língua, podem considerá-la difícil, tendo em vista que são muitas as diferenças Libras em relação ao Português.

Estudante-4 fez referência ao fato de haver entrado no curso de Pedagogia Bilíngue sem ter nenhum conhecimento anterior da Libras. Ele se posiciona explicando que se sentiu em desvantagem no curso porque "Eu nunca tinha tido contato com libras..., portanto tive bastante dificuldade e ainda tenho... assim que comecei o curso de pedagogia bilíngue pelo INES". Estudante-4 teve muita dificuldade, não só no início, mas até aquele momento de finalização, conforme relatou. Então, a estratégia do Estudante-4

foi procurar outro curso de Libras, além do oferecido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Esse fato corrobora o que Silva (2006) afirma ao entender que os falantes proficientes de uma língua adicional percorrem um caminho que vai além do que é exigido em seus cursos, utilizando-se de forma intuitiva de outras estratégias, além das ensinadas pelos professores, que os ajudam a aprender mais e melhor.

Outra estratégia utilizada por Estudante-4 foi fazer associações entre os sinais e o que eles representavam, o que representa a utilização de sinais icônicos[2], como, por exemplo, o sinal de 'casa', representado pela ideia de telhado. Nesse caso, faz-se a conexão direta entre a forma e o sentido, fornecendo propriedades icônicas.

Conquanto existam estudos que apontam evidências da iconicidade como facilitador no processamento semântico em língua de sinais, e, por essa razão, ela se torna uma excelente estratégia para aprendizagem da Libras como língua adicional, não deve, o aluno, apegar-se apenas a essa estratégia, considerando-se que esses sinais são menos frequentes que os sinais não-icônicos na Libras, ou seja, sinais da Libras podem ou não ser motivados pelas características dos referentes, que, por isso, não devem predominar nas línguas de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Gesser (2006) faz referência a um aspecto desafiador para um aprendiz de Libras. Trata-se das expressões faciais (ou não manuais), que, para muitos iniciantes mais tímidos, constitui uma dificuldade a ser vencida. Estudnte-4, por exemplo, relata que esta foi uma questão de importância, quando se posiciona como alguém reservada e tímida: "[...] é um tipo de linguagem onde se usa muito a expressão corporal, e eu sou uma pessoa bastante reservada e tímida, isso dificultava bastante". Gesser (2006, p. 158) afirma que essa dificuldade decorre da "cultura vocal de uso de língua(gem) dos ouvintes", para os quais "existe até certo receio em expressar- se linguisticamente com as mãos e com o corpo".

3. Estratégias de aprendizagem da Libras – reflexões

Observou-se, com base no que foi exposto, que a situação do aprendiz de uma segunda língua, quando entra em um curso, deve buscar diferentes estratégias de aprendizagem da Libras. Nesse sentido, evidenciaram-se dois perfis diferentes: um grupo que entrou com uma base da Libras e outro grupo que entrou sem nenhum tipo de conhecimento dessa língua.

Os estudantes que possuíam, pelo menos, proficiência em nível básico, relataram o uso apenas da plataforma do curso para a realização das atividades, obedecendo aos prazos dados. Já o grupo de alunos com pouco ou nenhum conhecimento da Libras, precisaram, por exemplo, voltar várias vezes ao vídeo para poderem entender o contexto, buscar formas e alternativas para conseguir compreender a atividade e recorrer a colegas e a vídeos explicativos, produzidos fora do ambiente do curso.

A diversidade de respostas e posicionamentos, e, também, de estratégias utilizadas evidenciam que os alunos do curso de Pedagogia Bilíngue do INES aprendem de

[2] Iconicidade' refere-se à semelhança entre forma e significado (FRYDRYCH, 2012). De acordo com Strobel e Fernandes (1998), sinais icônicos são aqueles que fazem uma alusão direta ao referente, como por exemplo os sinais BOLA, CARRO, BORBOLETA, COPO, TELEFONE, ÁRVORE, CASA, BANANA; que ao serem executados permitem-nos visualizar o objeto representado.

forma muito diferente uns dos outros, a depender de uma série de coisas que são parte de seus repertórios de conhecimentos sobre língua de sinais e cultura surda.

Considera-se, portanto, que, no dia a dia dos aprendizes de uma língua adicional, é importante que busquem novas estratégias que os façam aprender, e, depois, manter o processo de aprendizagem. Percebeu-se, contudo, com base na pesquisa desenvolvida com os estudantes do curso de Pedagogia Bilíngue, que eles percorreram caminhos diversos, que vão além do que é exigido no curso, haja vista que os diferentes caminhos que utilizam na condução das aprendizagens.

Para alguns, a organização do tempo e do espaço de aprendizagem torna-se estratégia satisfatório para o apoio à aprendizagem; para outros, o esforço foi maior; as estratégias demandaram monitoramento da compreensão e conscientização se são capazes de absorver os conteúdos. Nesse caso, foi exigida maior concentração, a fim de que pudessem resolver as atividades e compreender, tentar entender o que estava sendo solicitado.

Identificar o perfil de cada estudante da pesquisa levou à compreensão das preferências e escolhas em relação às estratégias de aprendizado. Evidenciou-se um número maior de estratégias quando os alunos possuem nenhum ou pouco conhecimento da Libras, cuja compreensão e apreensão dos conteúdos e resolução das atividades se dão de modo diferente em relação àqueles que já têm domínio da língua.

A visão que os participantes possuem de Libras (que hoje é diferente), a visão de bilinguismo ainda está muito associada à perspectiva do ideal falante, tendo em vista que o curso prevê maior tempo para o estudo da língua como sistema em detrimento da prática.

Levando-se em conta que os futuros pedagogos precisam aprender o léxico da Libras para poderem se comunicar com os alunos surdos, as exigências das disciplinas voltadas para esse conteúdo aumentam. Daí a necessidade de contribuir para que os licenciandos, ao concluírem o curso, consigam reconhecer as diferenças linguísticas básicas do léxico na Libras, conteúdos, metodologias, currículo, além da identidade e características próprias da cultura surda, quais sejam, os comportamentos, valores, regras e crenças, de modo a aplicá-los com propriedade, em suas práticas. Entre os elementos principais da cultura surda estão as experiências visuais e as linguísticas, que são essenciais para os indivíduos surdos.

Os participantes que entraram no curso com pouco ou nenhum conhecimento em Libras sentem-se em desvantagens e inseguros quanto ao uso da Libras em sala de aula. A compreensão é de que a carga horária praticar a interação na língua não era o suficiente se comparado com aqueles que possuíam alguma experiência em Libras. Além disso, alguns participantes alegaram que o curso deveria investir mais em materiais básicos, considerando a experiência de um salto muito grande, para quem não tinha conhecimento suficiente em Libras 1 e 2, passar para as disciplinas de Libras 3 e 4. Nesse contexto, as falas revelaram que enquanto as atividades, nas disciplinas 1 e 2, ofereciam legendas, nas disciplinas 3 e 4 elas foram retiradas, o que levou à necessidade de os acadêmicos receberem ajuda de colegas mais experientes na língua, a fim de compreenderem o que se pedia.

Alguns estudantes mais experientes, apesar de considerarem a carga horária das disciplinas como suficiente, queixaram-se da ausência de atividades de interação com demais estudantes para o treino da prática. Há déficit em relação à quantidade de atividades práticas; estas fazem grande diferença na qualidade da aprendizagem. O curso

ISSN 2318-4051

fornece todo aporte teórico necessário para a construção do conhecimento dos aspectos culturais dos surdos; desse modo, os acadêmicos se sentem preparados para assumirem as séries iniciais de uma sala de aula, porém, não se sentem seguros em relação às séries finais do ensino fundamental, por exigir um conhecimento mais profundo da língua, razão por que não se consideram preparados.

Bilinguismo é um fenômeno difícil de ser conceituado; contudo, os estudantes participantes da pesquisa apontaram que ser bilíngue não se restringe a conhecer aspectos estritamente linguísticos da língua, mas a se formar na relação língua-cultura alvo, tal como proposto no Projeto Político Pedagógico do curso, a qual se considera uma visão ampliada do bi/multilinguismo. Também houve consenso com relação ao desejo de se tornarem fluentes em Libras e da importância dessa fluência para a interação e práticas de ensino, levando em conta para isso a necessidade de o curso oferecer mais horas de atividades práticas e interação entre estudantes com diferentes níveis de conhecimento da Libras. Os estudantes participantes enfatizaram também que o curso possibilitou uma mudança de posicionamento quanto ao o que é ser bilíngue, e também quanto ao conhecimento da cultura e da prática do povo surdo. Todos enfatizaram que essa foi uma mudança muito positiva e importante para a vida deles.

Vale dizer que a ideia de fluência se altera de um participante para outro; enquanto alguns indicam que a fluência se completa sempre na relação língua-cultura, outros dão mais valor à prática da língua com pessoas fluentes. Os pontos de vista acionam a imagem de falantes ideais, que seriam os sujeitos surdos, usuários da Libras como primeira língua. Para alguns participantes, ser bilíngue em Libras significa ser completamente fluente nas duas línguas. Esses dados corroboram o conceito mais comum atribuído ao bilinguismo, conforme expostos no referencial teórico deste estudo, de que bilíngue é o indivíduo que fala duas línguas perfeitamente e tem como paradigma de falante ideal o “falante nativo”.

4. Considerações finais

Uma pesquisa com abordagem qualitativo-interpretativa não busca apresentar conclusões genéricas sobre o tema abordado. Desse modo, as considerações que se trazem, ao finalizar este estudo são fruto de uma interpretação etnográfica realizada pela professora pesquisadora sobre o próprio contexto em que atua e sua prática de ensino. Assim, não se evidenciarão perspectivas iguais acerca de uma mesma prática social, ainda que se trate de uma pesquisa realizada nesse mesmo contexto. De posse de dados idênticos, outros pesquisadores podem até enxergar aspectos distintos da pesquisa.

Por fim, a expectativa, com base nos dados revelados na pesquisa, é de que, tendo adquirido conhecimento específico acerca do bilinguismo, os acadêmicos do curso de pedagogia bilíngue se tornem aptos a receber alunos surdos em sala de aula, tendo e mais, que sejam capazes de rever continuamente suas práticas metodológicas.

Dois direcionamentos precisam ser adotados no curso, relacionado ao perfil desses alunos, conforme se pôde observar. Os acadêmicos que possuíam, pelo menos, proficiência em nível básico, relataram o uso apenas da plataforma do curso para a realização das atividades, obedecendo aos prazos dados. Já o grupo de alunos com pouco ou nenhum conhecimento da Libras, precisaram, por exemplo, voltar várias vezes ao vídeo para poderem entender o contexto, buscar formas e alternativas para conseguir com-

preender a atividade, além de recorrerem a colegas e a vídeos explicativos, produzidos fora do ambiente do curso.

Para aqueles que entram sem conhecimento nenhum da Libras, a aprendizagem do léxico consiste na grande preocupação desses estudantes. Com relação aos acadêmicos que ingressam no curso com conhecimento básico da Libras, observou-se maior desenvoltura em realizar as atividades teóricas e de uso da língua. Nesse sentido, evidencia-se, aqui, que o curso de Pedagogia Bilíngue do INES está mais voltado para o primeiro perfil de acadêmicos.

Ao mesmo tempo em que se encerra o estudo, levantam-se questões cujas respostas poderão apontar caminho e/ou alguma direção a ser seguida. O que fazer para atender plenamente a esses dois perfis de alunos que chegam ao curso de Pedagogia Bilíngue? Será válido considerar que seja exigido, no processo seletivo ao curso, o conhecimento da Libras? Considerar-se-á, também, o aumento da carga horária da disciplina Libras com foco na interação? Dever-se-á investir mais efetivamente em materiais e atividades que atendam à necessidade dos alunos que chegam ao curso sem conhecimento básico de Libras?

Apesar de serem perguntas cujas respostas demandam outros estudos, considera-se a necessidade de o INES reavaliar seu processo seletivo ao curso, levando em conta o perfil do alunado e as expectativas do curso. Além disso, deve-se levar em conta, também, a necessidade de se aumentar a carga horária da disciplina de Libras, principalmente com vistas à interação, que surge como demanda importante para os acadêmicos e, ainda, a importância de se investir mais efetivamente em materiais e atividades que atendam à necessidade dos alunos que chegam ao curso sem conhecimento básico de Libras.

Com base nos dados obtidos, será muito importante que se criem materiais específicos para cada nível de conhecimento da Libras, atendendo, principalmente, às especificidades dos estudantes que entram no curso sem nenhum conhecimento básico da língua. Nesse sentido, há necessidade de se criar um arcabouço de material para o aprofundamento dos sinais e mais atividades que possibilitem a interação entre os pares fluentes e não fluentes e exigir mais atividades práticas. Assim, a sugestão é de que sejam realizadas mais atividades práticas que exijam interações de conversação entre os estudantes.

Como se pode observar, este estudo não esgota, absolutamente, o tema, ao contrário, suscita a demanda de novas e futuras pesquisas que venham atualizar os dados aqui descritos, que se destinem a expandir as temáticas abordadas, e, de modo especial, que gerem caminhos para que o curso de Pedagogia Bilíngue alcance plenamente os propósitos para os quais existe.

Referências

BERNARDINO, E. L. A; PEREIRA, M. C. C.; PASSOS, R. **L2/Ln sign language teaching approaches and strategies**. In: Russel S. Rosen (editor). The Routledge Handbook of Sign Language Pedagogy. Part III, Chapter 12. London & New York: Routledge (Taylor & Francis Group), 2018, pp. 175-187.

FRYDRYCH, L. A. K. **Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais.** ReVEL**,** v. 10, n. 19, p. 281-294, 2012.

GESSER, A. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais**. 2006. 219f. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP, Campinas, 2006.

GESSER, A. **Metodologia de ensino em Libras como L2**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

ORTEGA, G. & MORGAN, G. Phonological development in hearing learners of a Sign Language: The influence of Phonological Parameters, Sign Complexity and Iconicity. **Language Learning**, 65, 3, September, p. 660-688, 2015.

OXFORD, R. L. **Language learning strategies**: What Every Teacher Should Know. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B**. Língua sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quart, 2006.

SILVA, Rodolpho Rocha da; LEMOS, Levy Freitas de; FÁCIO, Marcieli de Almeida. **Ensino de libras para ouvintes: análise bibliográfica dos processos linguísticos envolvidos. Educação em Revista**, Marília, v.22, p. 39-54, 2021, Edição Especial 2. https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p39. Acesso em: 21 jan. 2021.